



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I — N.º 48 — LISBOA, 16 DE ABRIL DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA inaugurando o Salão da Primavera no Palácio da Rua Barata Salgueiro. Com o Chefe do Estado vêem-se os srs. ministro da Educação Nacional, prof. Reinaldo dos Santos e directores da Sociedade Nacional de Belas Artes.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo II Tentativas de paz

1

A PAZ E A GUERRA

a

ideia da guerra e a ideia da paz andam estreitamente associados. É quando a primeira desencana sobre o mundo os seus horrores que o valor inesquecível da segunda mais claramente aparece aos olhos dos homens. A história regista numerosos casos de conflitos armados no decurso dos quais as tentativas para restabelecer a paz se multiplicam. Quando a guerra era feita por exércitos profissionais que se alheavam do pensamento e dos sentimentos das populações que representavam, as conversações entre os diplomatas podiam, sem grave risco, acompanhar os golpes que se desejavam nos campos de batalha. A guerra total, a guerra de povos, associando estreitamente o destino dos exércitos ao destino das populações que os encorajam ou que os deprimem, altera profundamente aquela situação.

Durante a última conflagração multiplicaram-se as iniciativas para apressar a conclusão da paz. Essas iniciativas liquidavam-se, invariavelmente, pelo malogro total. Algumas delas foram conduzidas por entidades que, considerando e reconhecendo embora a ideia da pária, se consideravam libertas das preocupações fundamentais que essa ideia inspira. Outras tiveram a sua origem em entidades que, pela natureza do seu magistério, consideram o restabelecimento da paz como uma condição fundamental da existência e do progresso da humanidade. Finalmente não faltaram pessoas que, pela sua índole ou pela sua função, por tendências de espírito ou por dever de ofício, fizeram sugestões e tomaram a peito a realização de negociações tendentes a terminar com um conflito armado que acarretava a perda de milhões de vidas e de va-

lões incalculáveis.

A noção de uma paz de compromisso ou de uma paz bruxa conseguida por concessões recíprocas dos beligerantes teve partidários entusiásticos durante a última conflagração. O mesmo sucedeu na primeira fase do actual conflito. Entre 1 de Setembro de 1939 e 22 de Junho de 1940, entre a entrada das tropas alemãs na Polónia e a derrota do exército francês, a diplomacia e os organismos de propaganda do Reich trabalharam activamente para, sem nada perderem dos fins essenciais que explicam a entrada d'esse país na luta, dissociarem o bloco dos seus adversários. Esse objectivo só foi alcançado depois que a França abandonou a luta.

O PARTIDO DO APAZIGUAMENTO

Entretanto na Grã-Bretanha como na França, antes como depois do início das hostilidades, não faltaram elementos dirigentes e personalidades com responsabilidades de comando que advogaram a necessidade dum entendimento com o Reich, de preferência a uma luta de consequências imprevisíveis. Assim nos dois países, pouco a pouco, através de episódios sucessivos que perturbaram a vida da Europa, a ocupação da Dinamarca, a anexação da Austria, o desaparecimento da Checo-Eslóvacquia como país independente, os incidentes de Memel e do Albânia, formaram-se os grupos inconciliáveis que foram conhecidos pela designação de partido da guerra e partido da paz. Os homens que faziam parte do primeiro entendiam e proclamavam que a guerra era inevitável e fatal, pois a cada nova concessão das potências do «eixo» novas exigências se seguiriam. Os que se agrupavam no segundo consideravam, especialmente, que os horrores d'uma guerra justificavam todos os sacrifícios consentidos para a evitar. No plano ideológico e internacional, os primeiros preferiam, de maneira geral, um entendimento com o U. R. S. S. para fazer face ao poderio militar alemão; os segundos identificavam a doutrina comunista com a nação russa e pensavam que era preferível fazer concessões, embora substanciais, ao Reich a adoptar uma política que, directa ou indirectamente, conduzia a uma aliança com os soviéticos.

A assinatura do pacto germano-russo de 23 de Agosto de 1939, veio tirar aos partidários do apaziguamento com o Reich uma das suas probabilidades mais fortes de triunfar. O carácter sensacional de esse pacto se revelou ainda mais veio orientar o espanto que a sua assinatura provocou. O Reich e a Rússia dos soviéticos apreciavam estreitamente associados para a realização dum objectivo imediato, a liquidação do caso polaco, mas as declarações dos seus dirigentes permitiam supor que, além d'esse objectivo imediato, havia em marcha uma operação política e diplomática de maior envergadura, a qual se destinava a criar um novo «eixo» que pela importância das potências que o deviam formar se preparava para decidir do destino da Europa. O partido do apaziguamento na Grã-Bretanha, que recrutara os seus elementos mais valiosos nas fileiras dos conservadores, reconheceu os avisos e as profecias dos seus adversários não eram destituídas de fundamento, e o seu chefe, sr. Chamberlain, foi o Primeiro Ministro que assumiu a responsabilidade de declarar a guerra a Alemanha.

O QUE SE PASSOU EM FRANÇA

Em França, a transformação registada não foi nem tão completa nem tão concluinte. O partido da paz, embora afastado de algumas das posições de mando que detinha, continuou a agir. Nos cir-



De Brinon

culos políticos e intelectuais a sua influência não diminuiu. Neste partido não havia uniformidade de pensamento, mas registava-se uma identidade de sentimentos evidente. Havia nêle elementos que advogavam abertamente a ideia dum entendimento com a Alemanha, considerando que o apaziguamento continental era a condição prévia da paz geral. À esse número pertencia o sr. Fernand de Brinon, advogado da aproximação franco-alemã. Outros elementos, por atitudes ideológicas, inclinavam-se para um entendimento de carácter geral com as potências do «eixo» Roma-Berlin, declarando que a uma transformação da política externa da França deveria corresponder uma mudança radical dos métodos e dos costumes da sua política interna. À sua frente encontrava-se o senador Pierre Laval, antigo chefe do governo e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, que, na altura em que se iniciaram as hostilidades, parecia mais inclinado para um entendimento estreito com a Itália do que para uma aproximação com o Reich.

Havia, por último, numerosos elementos categorizados da política francesa que, invocando motivos diversos, mantinham a sua convicção de que a aliança com a Grã-Bretanha era inconveniente para os interesses do seu país e que a guerra devia ser evitada a todo o custo. Entre esses políticos contavam-se os sr. Georges Bonnet, que era ministro dos estrangeiros à data da declaração da guerra, os senadores Henri Berenger, presidente da comissão senatária das negociações estrangeiras, e Camille Chauvemp, vice-presidente do conselho, os deputados Pietri, antigo ministro, P. E. Flamin, antigo chefe do governo, Mistler, presidente da comissão dos negócios estrangeiros da Câmara, Anziani de Manzi, ministro do Trabalho, e Molry, antigo ministro do Interior. Como estes pensavam e agiam outras personalidades de menor relevo, como os sr. Gaston de Bergery, que depois foi embaixador da França em Moscovo, os deputados Marcel Déat,



Pierre Laval

tutor do famoso artigo "Morrer por Danzig?", Montigny, o socialista Paul Faure e o ministro Pomocet.

A PRIMEIRA OFERTA DE PAZ

Compreende-se assim, que desde relativamente lábil dos dirigentes do Reich influiu em Londres e Paris no sentido de dissociar os aliados ocidentais. «A Inglaterra bater-se até o último soldado francês»; «Para que continuara uma guerra que pendia a sua finalidade?». Essas frases e os conceitos claramente esboçados, que nas duas capitais, mas principalmente na última, produziram os seus efeitos.

Ninguém estranhou, por isso, que a liquidação definitiva da campanha da Polónia coincidissem com a primeira oferta de paz. Essa oferta estava incluída no documento assinado pelos representantes do Reich e da U. R. S. S., Molotov e von Ribbentrop, em Moscova, no dia 29 de Setembro de 1939. São 5 artigos de declaração comum almirava-se não o seguinte:

«Tendo os governos do Reich e da Rússia assinado um acordo para regular as questões suscitadas pela dissolução do Estado polaco, e tendo, por esta forma, criado uma base segura para a paz duradoura na Europa oriental, declaram que é sua opinião comum que, no interesse de todas as nações, seja posto um termo ao estado de guerra que existe entre o Reich e a França desde o dia 3 de Setembro. O Governo alemão e soviético envia por isso os seus esforços em comum — e previamente de acordo com outros políticos amigos — para chegar a esse resultado, o mais rapidamente possível. No caso de os seus esforços não serem coronados de êxito, ficou demonstrado que a Grã-Bretanha e a França são responsáveis pela continuação da guerra. Se esta prosseguir, os governos alemão e soviético entender-se-ão acerca das medidas a tomar.»

Este documento constituía uma oferta de paz, devendo esta assentar num facto consumado: o desmembramento da nação polaca. Ora fôra precisamente para assegurar a independência da Polónia que franceses e ingleses tinham entrado em guerra. A proposta era inaceitável para os governos desses dois países, embora produzisse, em certos sectores da opinião pública em França e em Inglaterra, o resultado que os seus autores legítimamente esperavam. A declaração comum germano-russa responsabilizava, pela continuação da luta, a Grã-Bretanha e a França. E avisou os seus dirigentes que o Reich e a U. R. S. S. assentariam, de futuro, uma linha de conduta comum nas suas relações com as potências ocidentais. A resposta de Londres e de Paris foi, naturalmente, negativa.

O DISCURSO DO FUHRER

O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Chamberlain, deu à iniciativa germano-russa uma resposta na sessão dos Comuns de 3 de Outubro. «A declaração germano-russa, disse o sr. Chamberlain, contém uma sugestão de paz com a ameaça velada de que nos acontecerá se essa sugestão fôr recusada. Posso afirmar que nenhuma ameaça induzida este país ou a França a abandonar os propósitos que nos levaram a entrar na luta. A manobra é evidente e não constitui surpresa porque pertence à conhecida técnica de guerra alemã. Nenhuma garantia da parte do actual governo da Alemanha pôde ser aceita. Esse governo prova já, suficientemente, que os seus compromissos de nada valem quando lhe convém ignorá-los.»

Esta declaração formal não pareceu em Berlim bastante categórica para evitar que a sugestão contida no acordo germano-russo para a partilha da Polónia fosse renovada, de forma mais explícita, no discurso que o Chanceler Hitler proferiu no Reichstag, três dias depois, para dar conta dos resultados conseguidos durante a campanha concluída naquele país e para expor as suas projectos quanto ao futuro. O discurso do Fuhrer continha uma oferta clara de paz e dizia as condições em que, no ponto de vista alemão, esta poderia res-

tabelecer-se: «1.º Trágicos das novas fronteiras da nação alemã de acordo com os princípios étnicos e raciais; 2.º Constituição dum espaço vital no sudeste europeu com uma solução definitiva dos problemas de minorias; 3.º Solução da questão dos judeus; 4.º Restauração da vida económica e das transpões no espaço vital alemão no n.º 1.º; 5.º Garantias de segurança para o território desse espaço vital; 6.º Constituição dum Estado polaco cuja estrutura constituísse uma garantia de que, no futuro, êle se não tornaria um perigo para o Reich e para a U. S. S.»

Constatando o desaparecimento do tratado de Versalhes, o Fuhrer acentuava que nenhuma outra revivificação tinha a apresentar a não ser a que se referia das colónias e acrescentava: «Esta reivindicação de colónias não constitui um cheque. Não constitui também uma exigência apoiada na força. É uma exigência de justiça política e de bom senso económico». No fundo, o discurso do Fuhrer renovava a proposta de paz já feita e só poderia ser considerada pelos adversários do Reich desde que êles aceitassem o facto consumado da partilha da Polónia.

A RESPOSTA FRANCO-BRITANICA

Daladier e Chamberlain responderam ao discurso do Fuhrer, respectivamente, em 15 e 12 de Outubro e a sua resposta constituía uma recusa formal. «Não a França nem a Inglaterra, disse o chefe do governo francês, entram na guerra para sustentarem uma cruzada ideológica. Não entram também na guerra para satisfazer qualquer espírito de conquista. Fizemos-no porque a Alemanha queria a Europa para si. Esta guerra, invocada como resposta Daladier ao argumento de que, uma vez derrotada a Polónia, a guerra entre o Reich e as nações ocidentais deixara de ter finalidade — perdidas em armas contra a agressão, dizia êle — não as deporem enquanto não tivermos garantias certas de uma segurança que não seja preciso discutir de seis em seis meses». O sentimento da França era apresentado pelo chefe do seu estado maior como o sentimento de um soldado comum e mais categorizado chefe compreendem o perigo que a pátria corre. Nenhum francês nos permitiria abandonar-se a França. O que pensam os nossos soldados pensa-o povo francês. Nenhum saberá mostrar-se digno da lé que os animo.»

Chamberlain, falando nos Comuns, usava uma linguagem idêntica. As suas palavras tinham, porém, um significado maior. Era êle que se encarregava de articular oficialmente a resposta franco-britânica à sugestão do Fuhrer. «Hitler, disse êle, rejeitou todas as propostas de paz até te emagrad o Polónia, como anteriormente as rejeitava até ao abate do Checo-Eslavaquia. Propostas de paz que tomam como base a partilha da Polónia e a agressão são inaceitáveis. Os propósitos que o discurso do Chanceler encerra são vagas, indefinidas. Nada contém que nos autorize a supor que êle se propõe reparar as injustiças cometidas. É só nesse ponto que se manifestava a divergência irremediável entre os conceitos do Reich e da Grã-Bretanha para o restabelecimento da paz? O Primeiro Ministro britânico, como já o fizera o chefe do governo francês, punha as razões da sua desconfiança em relação aos governantes alemães declarando: «A experiência do passado mostrou que era impossível ter confiança no actual governo alemão. São por isso precisos actos e não apenas palavras para nos convencerem de que o entendimento de paz por termos termo a uma guerra que entendemos dever continuar com todas as nossas forças.»

UM PROJECTO ADIADO

Houve um momento em que os partidários da paz em Inglaterra e em França pareciam ter perdido o interesse pelo terreno que a declaração comum germano-russa, o discurso do Chanceler alemão no Reichstag, o discurso proferido a seguir pelo sr. Ribbentrop e as iniciativas apaziguadoras dos soberanos da Bélgica e dos Países Baixos lhes ofereciam. Mas os acontecimentos que o partido conservador consideravam que o entendimento do Reich com os soviets liquidara as suas esperanças numa revivificação da política de apaziguamento. Em Paris elementos categorizados como Lavigne, Flourens, Bonnet, reclamavam, embora o sua attitude no período anterior ao início das hostilidades, declaravam que, uma vez declarada a guerra, era preciso ganhá-la a todo o custo. Nem em Berlim nem em Roma havia, porém, dúvidas quanto a alguns destes discursos. Nestas duas capitais continuava a pensar-se que o partido da paz, sobreretudo na Grã-Bretanha, era ainda particularmente forte e activo em França. Passando o tempo, o Primeiro Lord do Almirado, Winston Churchill, que combe e provavelmente os bastidores da política francesa, pergunta a um dos seus interlocutores: «Aqui aguentam-se?»

«Ese é, de facto, o segredo de futuro e o segredo



Camille Chautemps

Daladier, apresentando toda a gravidade do que se preparava e a importância dos perigos internos que se acumulam, acaba por assentar em dois princípios fundamentais: que é preciso recompor o seu governo fazendo entrar nelle personalidades representativas de todos os partidos e que é conveniente estreitar a aliança franco-britânica, dando-lhe um novo conteúdo. Oclando no meio da tormenta parvoctaria, animado pelos partidários do apaziguamento, que se sentiam nas bancadas do centro e da direita, e os comunistas, que renegam os seus conceitos anteriores de política externa por virtude do acordo entre os soviets e a Alemanha, o chefe do governo francês procura verter uma orientação delimitada perante as manifestações tumultuosas da extrema esquerda, declara, de maneira de Clemenceau, na Câmara: «Acima de tudo precisamos fazer a guerra e ganhá-la». Poucos dias depois os deputados comunistas eram expulsos do parlamento. E os partidários do apaziguamento? Daladier, para contrariar a sua opinião, preparava uma larga recomposição ministerial que não pôde efectuar, na ocasião, em virtude dum acidente de que foi vítima em 7 de Janeiro.

O ACÓRDO FRANCO-BRITANICO

A segunda condição para impedir que as tentativas apaziguadoras de alguns dirigentes da política francesa se transformassem em actos era a intima aproximação entre a França e Grã-Bretanha. Esta aproximação só encontraria uma tradução definitiva na declaração comum de 28 de Março de 1940. Mas o assunto foi objecto de estudos demorados durante os meses que precederam a assinatura daquêlle documento e os progressos verificados contribuíram para desanimar os adversários da política de colaboração com a Grã-Bretanha que eram, naturalmente, os partidários dum entendimento com o Reich. As reuniões do Conselho Supremo Inter-aliado, realizadas alternadamente em Londres e em Paris, eram um motivo periódico de aproximar os pontos de vista divergentes que, de vez em quando, se manifestavam entre os dois países. Os sr. Daladier e Chamberlain assinaram, na capital britânica, um acordo de coordenação económica; os sr. Paul Reynaud e J-han Simon concluíram um acordo financeiro. Esta evolução era, sobretudo, o produto das iniciativas dos homens de Estado britânicos, decididos a conduzir a guerra até a conclusão victoriosa. Em Dezembro os pontos de vista divergentes tendiam a aproximar-se.

No ordem do dia da reunião do Conselho Supremo Inter-aliado, marcada para 14 de Dezembro, figurava como objecto de discussão um projecto britânico para que os aliados não concluíssem uma paz separada com a Alemanha, qualquer que fossem as condições. Daladier entendia que havia de vantagens em assegurar um compromisso desse tipo e vantagens que, como contrapartida, a França tivesse a garantia solene de que a sua vizinhança com o Reich não voltaria a collocar-se em posição difícil.

«Não fazemos uma paz separada, declarou êle na véspera daquela reunião. Mas para fazermos por escrito essa declaração é indispensável que, por escrito também, uma outra coisa fique assente. Para a França, dada a sua posição geográfica e o risco de ter a seu lado um vizinho indomável, é indispensável que liquem assentes, por escrito, as condições em que a sua segurança será, para sempre, garantida». O assunto não teve naquela altura seguimento. Só foi resolvido alguns meses mais tarde, mas os efeitos da declaração com anglo-francesa haviam de ser liquidados pela derrota da França.

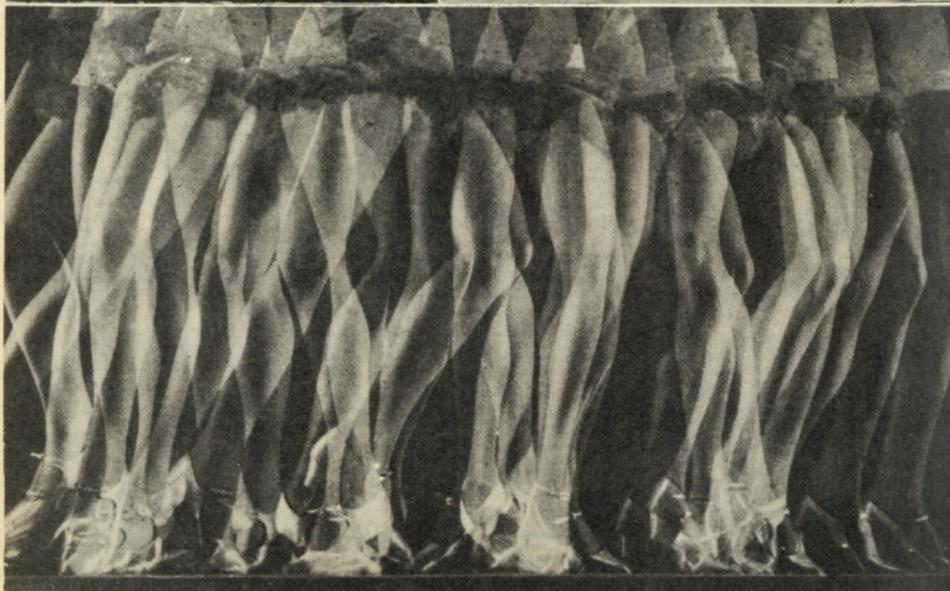
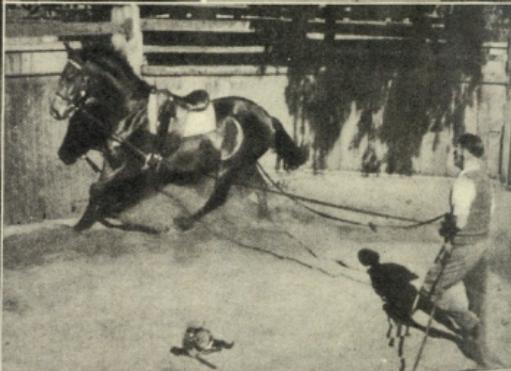
(Continua)



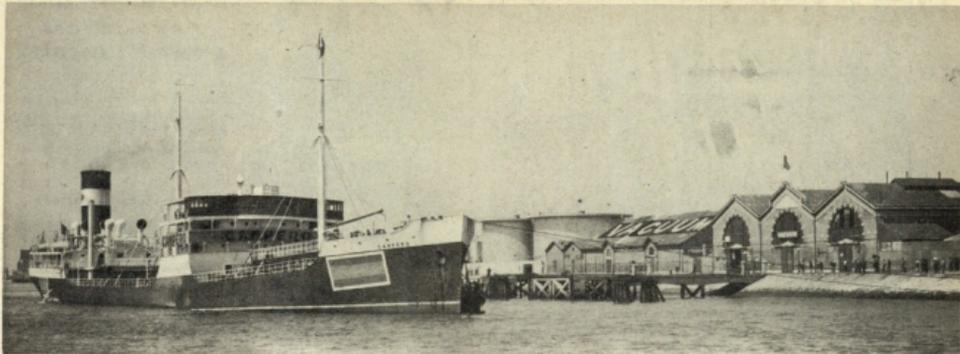
Jean Mauter

Imagens pitorrescas do **MUNDO**

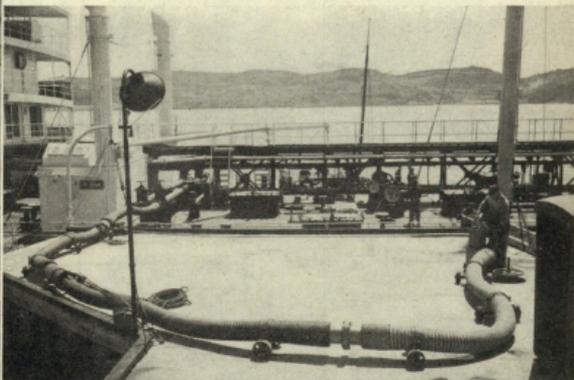
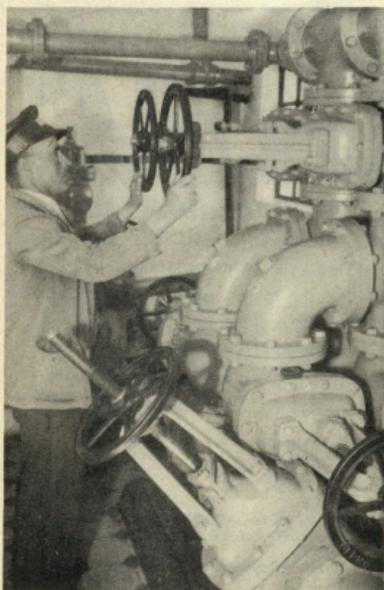
COMO SE FAZEM TRÊS COISAS DIFICEIS — 1) Um bailado em pernas, com a bailarina mascarada; 2) Domar um cavalo selvagem; 3) Iluminar uma casa de modo que os assistentes sejam obrigados a fixar a atenção no espetáculo.



AQUI ESTÁ O QUE ACONTECEU A UM FOTÓGRAFO que tirou dois aspectos dum bailado de revista e se esqueceu de mudar a chapa...



Chegou GAZOLINA a Lisboa



FRETADO PELO GOVERNO PORTUGUÊS, chegou ao Tejo na semana passada o petroleiro espanhol «Campero», com 7.250 toneladas de gasolina destinada às diversas companhias distribuidoras, para o abastecimento do país. Nesta página, damos ao público alguns aspectos da chegada do barco e dos trabalhos de recepção e distribuição da gasolina que ele trouxe. Em cima: o «Campero» atracado ao cais da Vacuum; à esquerda: a manobra para o enchimento dos tanques de gasolina nas instalações daquela companhia; à direita, em cima: o «pipe line» montado a bordo do «Campero» por onde corre a gasolina para os depósitos de terra; em baixo: alguns dos vagões-cisternas aguardando a gasolina para a levar, depois, através das linhas ferroviárias a todos os pontos do país. Depois do «Campero», chegou já ao Tejo, com rammas, o barco «Gobeo», aguarda-se agora a chegada do «Campichonaco» gasoil. O Governo, empenhado em dar solução satisfatória ao problema dos combustíveis, está ainda em negociações para o tratamento de dois petroleiros franceses totalizando 20 mil toneladas.





A VISITA DA IMPRENSA ao acampamento da «Cidade Portuguesa» na Mata da Caparica.



OS NOVOS CORPOS GERENTES da Casa da Comarca de Arganil, com os representantes de várias casas regionais e agremiações da região, durante a cerimónia da posse dos seus novos cargos.



AS VIUVAS DOS COMBATENTES depondo ramos de flores no monumento aos Mortos, na Avenida da Liberdade, durante a cerimónia do 9 de Abril.

Vida
MUNDIAL
de Lisboa

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Impões), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 37 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 26942
— VISOADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida
MUNDIAL
de Lisboa

CREMES

**PARA DE DIA
E PARA DE NOITE**

M'CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

**Os produtos de beleza
Rainha da Hungria**

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade®
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

BBC

a voz de Londres
FALA E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	G R Z 13.86 m.	(21,64 mc/s)
		G R U 31.75 m.	(9,45 mc/s)
13.30	Actualidades	G R V 24.92 m.	(12,04 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	G R X 30.96 m.	(9,69 mc/s)
		G S B 31.55 m.	(9,51 mc/s)
22.15 (*)	Actualidades	G R T 41.96 m.	(7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ocorre também em ondas médias de 251,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. E. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1520.

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

**APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL**

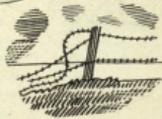
APYROL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drograrias

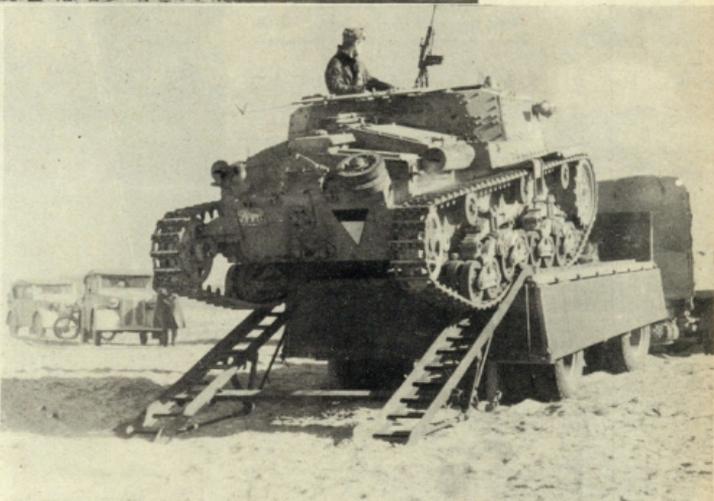


Na LIBIA

preveem-se
para
breve
novos
acontecimen-
tos



NA ÚLTIMA SEMANA, foi evidente, segundo noticiaram todas as agências telegráficas, o aumento de actividade na Líbia. Certas informações acrescentavam que «em breve se ouviria, possivelmente, mais qualquer coisa a este respeito». Os continuos bombardeamentos a Malta, as lutas navais no Mediterrâneo e os combates aéreos na zona da África do Norte, são, na realidade, seguro indício de que grandes reforços do «eixo» chegam àquela teatros de guerra. Nesta página, apresentamos algumas fotos que comprovam estas informações. De cima para baixo: O desembarque de «tanques» de bordo dum transporte italiano; a colocação destes engenhos de guerra em grandes camiões que os levam para a frente; a longa fila de camiões através da estrada; e a primeira acção do novo «tank» italiano em viagem de treino.



FALA-SE ESTA SEMANA DE...

VICE-ALMIRANTE MAGALHÃES CORREIA



De regresso a Portugal, onde deve chegar brevemente, partiu da Beira o sr. vice-almirante Magalhães Correia, antigo ministro da Marinha e dos Negócios Estrangeiros, que, desde 1933, occupava em Africa o elevado cargo de governador dos territórios da Companhia de Moçambique e o deixa agora por estar prestes a finalizar a função magistática daquela Companhia, a cujos destinos presidiu durante um longo e notável governo. A sua acção ficou ali assinalada por muitas obras de grande interesse para o fomento da colónia de Moçambique.

DR. LADISLAU PATRICIO



Médico, director do Sanatório Sousa Martins, na Guarda, com uma vasta obra dedicada à Medicina, o sr. dr. Ladislau Patrício é também um excelente poeta e prosador. Além de numerosos trabalhos scientificos e de um magnifico estudo sobre «Santa Teresinha do Menino Jesus», são da sua autoria, entre outros, as livros «O mundo das pequeninas coisas», «Teatro sem actores» e «Alitude». A sua última obra, posta à venda recentemente — «Augusto Gil — Notas sobre a sua vida, a sua doença e a sua morte» — mereceu, muito justamente, as aplausos da critica. A biografia e a análise da obra do grande poeta são feitas de forma magistral.

EDUARDO MALTA



Que vai figurar, com cerca de 60 quadras e desenhos, na exposição de arte portuguesa a electuar na Sala de Arte de Berlim e cuja inauguração está marcada para depois de amanhã. O illustre pintor, de que damos um auto-retrato, é indacutivelmente um dos nomes mais notáveis da geração artistica a que pertence. Desenhador de superiores qualidades, tem-se affirmado como um retratista exímio. São ás centenas as figuras em evidência em Portugal e em todo o Mundo que Eduardo Malta tem retratado com a sua arte inconfundível.

GOMES MONTEIRO



Jornalista e escritor com uma obra sincera e fecunda que se impôs, há muito tempo, á consideração da critica e á preferência do público. O illustre romancista de «A dama do seio mutilado», o historiadór de «As duas Catarina da Rússia», o poeta de «As mulheres que amaram Jesus» e autor de tantas outras obras que, a seu tempo, mereceram os melhores louvores aos comentadores do panorama literário português, lançou agora um novo volume que, desde já se afirma como um extraordinário êxito de livreria — «O anti-livro de S. Cipriano» — obra cheia de curiosas revelações e de ensinamentos, mais uma notável contribuição para a sua brilhante carreira literária.



OS ESTANDARTES DOS ORGANISMOS CATOLICOS, á porta da igreja de Fátima, antes da chegada da imagem do templo.



ENTRE A MULTIDÃO, o sr. ministro das Finanças, com sua familia, aguarda a passagem do cortejo religioso.



AS JANELAS DAS RUAS DO PERCURSO estavam cheias de gente e cataravam bela ornamentação com lindas colpoduras.

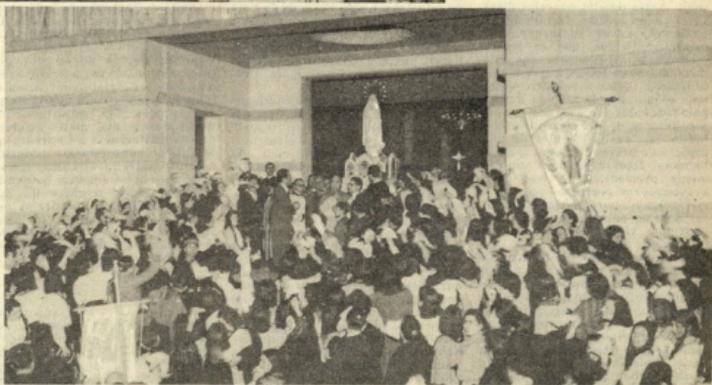


+ * +

Homenagem de fé e apoteose da Cova da Iria a Lisboa

+ * +

AS MANIFESTAÇÕES DE FÉ que milhares de pessoas tributaram a Nossa Senhora de Fátima na recente vinda da imagem a Lisboa foram a nota dominante da vida da cidade na semana passada. O cortejo da chegada da imagem à capital e a majestosa procissão das velas asinalaram-se como apoteoses de religiosidade e amor à Virgem, tão grandes e tão intensas como nunca se haviam visto em Lisboa. Registamos nestas páginas alguns dos aspectos mais impressionantes do cortejo que, em delírio de preces e de aclamações, trouxe da Cova da Iria a Lisboa, a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Em cima: Um grupo, tirado ao acaso, dentre a multidão que via passar a imagem. A direita: A chegada do andor à igreja de N. S. de Fátima em Lisboa. Em baixo: A passagem do cortejo, já de noite, no Campo Grande.



Em Nova Deli

por Francisco Velloso

ANDÁ de lés a lés o mundo cheio, em haustos de esperanças e de que dos anuclados choques do o cochosos em guerra saia já antevista a vitória de um dos contendores. Entram na soma d'êstes desejos parcelas diversas: — a ansiedade de milhões de pacientes, talvez já insuportavelmente insofridos, que se sentem escravos; — as equipações dos estados maiores de terras, ares e mares, a tirarem pelos dispositivos dos seus planos e pela medida das capacidades das forças a seu mando a resultante de um jôgo de probabilidades; — e os cálculos de uma espécie de peixes com seus quês de humana figuração, que supostamente premeditam viver entre avassaladoras correntes opostas, a meias águas, para passarem a sulcar uma ou outra, consoante o que imaginam vir a ser apurado dos prêlios gigantescos.

Ao cabo, quem destituído de ânimo frívolo não sustenha os nervos e os preconcebimentos, e não acompanhe o evolução dos sucessos, arisca-se a ser precipitado ou a ver baldos os seus prognósticos. Os acontecimentos ainda se encaminham a desfechos. E assim como, cautelosamente, temos vindo a marcar-lhes a acuidade da sua crescente tensão, também agora temos de prevenir que a hora da febre, conquanto próxima, não chegou. Somente, hemos de notar que nenhuma das observações feitas, foi desmentida pela realidade, e que a relaxação, por enquanto, não leva jeito de explodir para fora dos limites em que essas verificações mais ou menos espectantes foram registadas.

A BATALHA DA INDIA

O tonus, digno do acento tónico, dos factos e da acionais não vibrou durante a última oitava em dissociação do que vinhamos apontando: — de uma e outra parte dos belligerentes, uma trepidação de cada vez maior para chegarem a termos desta contenda que não tem cotejo na história humana, nem nos fins nem nos meios. Podem as folhas dar relêvo de caixa alta, por exemplo, ao caso da Índia, a magna embrolhada dos accidentes desta guerra, mas de accidente não passa, enquanto não se agravar irremissivelmente.

Stafford Cripps bem explicou no dia 30 do mês passado o sentido das propostas britânicas: a Índia como um vasto conglomerado federal de Estados semelhante a Australia ou a Africa do Sul, qualquer

dêles, talvez com alguma coisa dos figurinos americanos, «com a maior amplitude de auto-governação compatível neste momento com as possibilidades da actual constituição que não seria alterada até ao fim da guerra», embora a composição do Conselho Executivo pudesse desde já adaptar-se às futuras inovações. Quando se lê o publicado quanto a sês propostas, facilmente se reconhece que a Inglaterra quer realmente que a Índia goze de uma autonomia tão larga como a dos Dominios, deixando que cada povo organize dentro de um quadro federal, plena e conscienciosamente aceito, as suas instituições próprias.

No entanto as coisas da Índia são as coisas da Índia, e os dicionários enciclopédicos não conseguem fornecer a seu respeito elementos alguns além do mais-à-mão, as propostas de Londres que vão até à declaração extrema de que a Índia poderá separar-se do Império, ou melhor da Comunidade das Nações Britânicas, são o maior e mais audacioso golpe, não na estrutura imperial, mas no bluff das rethas ameaças gandistas. Quando elas lançaram a ideia de uma federação num Estado nacional, provocaram desalentadamente as decepções entre os grupos populacionais e as seitas que não podem, por exemplo, admitir que o grupo de Nehru ou o do Congresso dirija a máquina do poder, sobre todos os demais e em proveito próprio. O problema da Índia é uma questão de minorias servadas. E se a Europa foi indiscutivelmente um dos factores da falência do Tratado de Versalhes, na Índia é um factor de anarquização.

Quando amanhã, Gandi e outros vozearem reclamações de independência, já não o poderão fazer com autoridade moral, porque a Inglaterra em 1941, deu-lhes tudo para que eles a assumissem, e eles não só não conseguiram congraciar-se, mas dividiram-se mais profundamente pelos fossos das suas ambições insofridas.

A Inglaterra só importa, porém, neste momento uma coisa: — que a Índia se levante contra o invasor. O que Cripps disse às populações hindús no dia 30 do mês passado pela rádio em Nova Deli com acentos de eloquência: «Entrems neste tarefa primária da defesa da Índia, no conhecimento seguro de que quando o emergilmos do fogo e dos trabalhos da guerra, será para construir uma Índia livre sobre os alicerces postos pelos próprios povos indianos e para forjar uma longa, duradoura e livre amizade entre os nossos dois povos.» Essa foi a grande prova de talento de Cripps e o seu grande risco. Enquanto o chamado partido do Congresso reclamava o estatuto de moerocrático da independência, os musulmanos, recessos da supremacia exclusiva do hindú, exigiam um Estado próprio, o Pakistão, no espaço que separa os dois grandes partidos Cripps tinha de entregar o caso supremo da defesa.

Os chefes liberais viram o problema de alto, e no dia 1 recomendarão logo que se chegasse a um acôrdo para se evitar o choque de antagonismos desastrosos. Desde então, o trabalho de Stafford Cripps ficava reduzido a receber o apêio do bom senso, visto que o próprio descrentes da supremacia hindú (os como os Sikhs, os Mahasudras, os nacionalistas) entre esta e a tutela britânica que lhes respeita as instituições e os costumes, não hesitam. Debalde a Comissão executiva do Congresso rejeitava no dia 2 as propostas de Londres, depois de 30 horas de discussões, assás caracterizadas de lentidões e parcialidades dessa rethalhada e mal cosida manta de povos e raças. Ele próprio, Cripps, nesse mesmo dia, podia asseverar na sua conferência à imprensa que as dificuldades estavam reduzidas a muito estreito circuito. E estava. Os chefes liberais batiam-lhe à porta. Azad, o chefe do Congresso, sentia que perder o contacto com o estadista britânico, equivalia a torná-lo pacificador, condestável e porta-voz das minorias protestatárias.

A RASTEIRA

Quando no dia 3 fomos ao resumo da entrevista de Cripps com Nehru e Azad, e que Gandi fora «posto momentaneamente à margem», que a imprensa norte-americana ameaçava as facções hindús de se desinteressar da independência, que Roosevelt enviara um delegado especial às negociações, e que Londres dera a Cripps os plenos poderes para resolver a questão, compreendemos que a partida poderia ser virtualmente ganha por Cripps. O chefe liberal Sastri pedia nessa altura em Bombaim que a Inglaterra «retivesse as propostas» e «guardasse para mais tarde este ponto de discórdia», porque o mais urgente era enfrentar a ameaça japonesa. Quando o general Wavell foi chamado às conferências com Azad e com Nehru, a questão da reforma constitucional ficou preterida pela da defesa nacional. E as declarações de Gandi no dia 5, em Bombaim, eram apenas regoço contra os indianos estrangeiros, a tardia história das antigas greves. Quinhentos e sessenta estados da Índia (entre os quais os dos cultos rajás) representando um quarto da população geral e 40 por cento do território, reuniram-se ao lado de Cripps e da Inglaterra. O frustrado e desastroso assalto nipónico a Ceilão no domingo de Páscoa corroborava o ponto e vista britânico. No dia 7, o presidente da Liga Musulmana, Jinnah, annunciava à noite na capital que o gabinete de guerra inglês concordava em que a pasta da defesa fosse confiada a um indiano. A questão

derivava a olhos vistos para pontos concretos. Já não se falava na independência. Quando o partido do Congresso, nesse mesmo dia 7, rejeitava as propostas britânicas quanto à defesa nacional, era apenas a questão da escolha do ministro da defesa e talvez de um ministério que se debatia... E o terreno da opposição do Congresso apparecia tão falso, que Nehru era obrigado a vir fazer declarações anti-nipónicas e anti-alemãs, respondendo a um inhábil manifesto japonês convidando, em nome da Alemanha, a Índia a revoltar-se: «A afirmação japonesa de que vêm para nos libertar, é um absurdo e completamente falsa. Isto é evidente pelo que os japoneses têm feito na China e Coreia. O Congresso tornou bem claro as suas simpatias pelos povos livres e a sua oposição contra os países agressores. Tanto o Japão como a Alemanha estão em iguais condições. A notícia dos bombardeamentos japoneses contra as cidades costeiras da Índia deve fazer despertar os corações dos indianos.»

Chan-Kai-Shek interviera com uma mensagem especial aos chefes hindús, recordando-lhes os compromissos que com eles haviam tomado, desde que a Inglaterra concordasse no futuro estatuto, como concordou. Nehru limitava-se a reclamar plenos poderes para o ministro da defesa. Cripps então aproveitou o momento exacto. A 8, formulava com os plenos poderes que possuía, a fórmula do acôrdo, apoiado pelo coronel Johnson, delegado de Roosevelt. A batalha política da Índia parecia estar essencialmente quasi no fim. No dia 9, de Nova Deli, noticiava-se que os chefes do Partido do Congresso e sir Stafford Cripps tinham chegado a um acôrdo. De facto, de Bombaim, a sede official do Partido confirmava-o. O serviço de informações inglês em Nova Deli dizia no dia seguinte que a fórmula adoptada estabelecia condições aproximadas das da Austrália, onde Mac Arthur é o comandante em chefe. Forde, ministro da guerra goza de plenos poderes responsáveis em domínio circumscrito.

Mas à medida que os sucessos assim se desfilavam, sempre e telosamente reticentes elles se nos afiguravam pelas razões já noutras crónicas expostas. E muito raro que as questões da Índia não terminem por uma rasteira. E ela veio logo no dia seguinte, a 11, Cripps recebeu a notícia de que o presidente de que a Comissão Executiva do Partido do Congresso, com Azad à frente, renegara de todos os esforços conciliadores de Nehru e recusava a *fin* das propostas britânicas sobre o estatuto de governo de um regime immediato de colaboração para a defesa nacional. Era a rasteira do egoismo partidário, sacrificando o próprio interesse da resistência à ambição do poder majoritário sobre todos os demais grupos étnicos. Cripps recusou-se com razão a que a Inglaterra cooperasse numa ditadura facciosa. Nos dias



9 e 10, a esquadra britânica sofreria graves desastres navais no mar da ilha de Ceilão que está para o Indico como a de Malta está para o Mediterrâneo. A 12 era ordenada a evacuação de Madrás e da ilha, isto, a ameaça mortal do inimigo à porta, comoveu os figurões de Bombaim, cujo chefe veio depois, nesse dia, largar palavras tortuosas a tentar explicar a sua decisão à Índia e o seu rosário de medos.

E a pergunta fica de pé: — Poderá ainda a Índia resistir, dando à Inglaterra e aos Estados Unidos o exército necessário. Aqui a resposta já não pertence aos Gaudis e Azades, mas às minorias. Mas não é tarde? As últimas declarações de Cripps tressuam de dúvida.

Mas quanto tempo se perdeu com as costumadas e intermináveis discussões dos grupos e partidos e facções desde tempos atrás? A vitória política e moral da Inglaterra é, sem dúvida, enorme. Mas a urgência das grandes resoluções e do levantamento da Índia não é menor.

O PONTO-LIMITE



Nesse dia 9, a capital de Ceilão e as bases literárias sofriram novos bombardeamentos. A pressão dos assaltos à península de Bataan, nas Filipinas, obrigava os Estados Unidos a defender há três meses a recuar e a chegar ao fim do fim. Só a ilha de Corregedor ficará como um penhasco de heroísmo sob o comando do bravo Wainwright. Na frente da Birmania ainda não havia, porém, sucessos de monta. Os golpes nipônicos sobre a Austrália interrompiam-se. O Japão lá procurar nas ilhas Suomão novos pontos de apoio que fugiam da Nova Guiné, batida pela aviação australiana e norte-americana. Em Java e Samatra continuavam núcleos de resistência.

A guerra do Pacífico atingiu assim o seu ponto-limite. O Japão, desfalcado na aviação e na esquadra entrou na encruzilhada. Possui, porém, uma superioridade no ar. Usa dela com rapidez antes que os seus três inimigos se levantem: a China, a Índia, e a América. Os observadores de Washington notavam no dia 5 que a situação do sudoeste do Pacífico melhorara e as perdas navais de 25 unidades sofridas pelos Estados Unidos estão superadas e as perdas japonesas na produção dos estaleiros em outras unidades já lançadas ao mar. A vibração surpreendente da indústria norte americana leva a crer na veracidade de tais cálculos. Mas o Japão já não pode prescindir das derivações. Compreende-se muito bem que o officioso *Nehi-Nehi* no dia 1, acenasse a propósito da falada ofensiva contra a Rússia:

«Não gostamos de interferir nos negócios de outrem. Mesmo com os nossos aliados, baseamos os nossos actos de colaboração na ideia de que, como fazemos na parte que nos compete, os nossos aliados procederão de modo a fazer dá-la... Escusado é dizer que seremos fiéis às nossas obrigações de aliados da Alemanha. Entretanto, pensamos que a Alemanha sabe que não pode pedir-nos que comecemos uma guerra com o novo inimigo contra a U. R. S. S. A menos que Moscovo se dedique, contra nós, a actos de intimidação e de provocação, semelhantes aos de Washington e Londres, durante vários anos, antes da extensão do conflito ao

Pacífico, não há razão alguma para combatermos os russos.»

Mais do que nunca, Tóquio sabe que é impossível dispersar mais longe os seus intentos de verificar se o resalto dos três grandes adversários se operará ou não. Os seus próprios golpes sobre o Indico visam mais a inutilizar bases inglesas do que a pronunciar uma invasão que por si só seria inestável e sorvedouro de tropas e material. Um assalto à Austrália seria infundável. Não é, pois, exagero admitir-se que o auxílio ou a cooperação japonesa às potências suas aliadas na hora suprema em que há de se desencadear a sua grande ofensiva geral, pode não ser tão efectivo quanto aqui há um ou dois meses se previa. É certo que o Japão (o mesmo que no Rio de Janeiro protestou contra as prisões massivas dos seus soldados da quinta coluna, acusando o Brasil — o céus — de mal ferir o direito das gentes) não precisou nem usa respeitar o mesmo direito para atacar sem declaração de guerra os Estados Unidos. No entanto, lutar na Austrália, na Índia e no Indico, na China e na Sibéria, com o norte-americano a espreita-lo, é dema-siada e perigosa ambição. E o tempo parece correr mais veloz no ritmo da fabricação de guerra da Norte-América do que nos cálculos de uma ofensiva tão desmesurada como seria essa — conquanto a demora ainda forçada da preparação dos exércitos asiáticos do continente, de ao alto conquanto as possibilidades, também supremas, de prejudicar ao máximo os seus grandes adversários, antes que eles lhe devolvam largamente o tiro.

O TRUNFO DE HITLER



Essa margem é também, em relação com a febrilidade da indústria norte-americana, a que nesta conjuntura Adolfo Hitler, comandante supremo do exército alemão, vai apertar. Quando há poucos dias (pois foi 5 e escreveu a 10) um telegrama de Nova Iorque nos informou das revelações de Washington acerca das fantásticas proporções do fabrico de bombardeiros e «tanks» pelo grupo industrial de Detroit (um bombardeiro por hora nas fábricas Ford), houve quem sorrisse e ironizasse, afirmando, pelo facto que as fábricas de guerra dos Estados Unidos começam agora a trabalhar com pleno rendimento. Nelson, o presidente do Conselho da produção de guerra, enuncian-do a Washington, em 19 de Junho, a mesma produção nos últimos vinte meses, disse que era um dos factos mais notáveis da história dos Estados Unidos; e no entanto acrescentou: «Tudo o que temos feito até agora... É espantoso, mas não basta». O problema não é, porém, só este. Lord Beaverbrook tinha razão quando no dia 30, falando no rádio em Miami para o Canadá, advertia que «não é preciso só fabricar carros, aviões e canhões em grande quantidade, mas servir-se dessas armas nos campos de batalha, o que implica necessariamente o seu transporte através dos mares. E tudo isto recai sobre os Estados Unidos que são agora, com a Rússia, os aliados e os grandes fornecedores adversários da Alemanha, por isso mesmo mais rijamente atacados nas suas frotas sobre o Atlântico e junto das suas costas pelos submarinos do almirante Raeder.

Ora, Hitler tem de obter a fundo na Europa e esmagadoramente a sua vitória sobre qualquer desses inimigos e o mais exposto é evidentemente a Rússia. Embora se considere que a leste ainda não chegou a estação própria, os últimos comunicados sobejam para nos demonstrar violentíssimos empenhamentos de novas forças que já se classificam de próximos do choque, mas adiadas, que se anuncia e promete do lado alemão. Aquele estallido inglês recordava que «se os russos fossem repellidos para trás dos Urals, todas as esperanças ficavam aniquiladas» e que «urja por isso enviar livres toneladas de material disponível. Os combates actuais, relatam de Estocolmo, deixam desgastes pavorosos, sobretudo no sul onde von Runstedt e Timochev, ambos com reforços poderosíssimos, se debatem furiosamente».

As mais recentes notícias do norte de África deram como iniciados movimentos envolventes em grande escala pelas tropas do general Rommel, aumentadas de com-deráveis reforços para uma nova prova de forças, dizem de Londres, reforços cuja remessa tem sido protegida pelos violentíssimos assaltos aéreos italo-alemães contra a assombrosa fortaleza de Malta, incomparável de heroísmo.

Há, portanto, em esboço (se assim podemos dizer), dois grandes ataques alemães. Mas são apressados esboços, finitas e sondagens.

Entre os objectivos de Suez e do Cáucaso fica proeminente o inamovível a neutralidade da Turquia que é o melhor buluarte de resguardo das posições aliadas do Próximo Oriente, e de tanto maior valor quanto tem a assegurá-la o exército mobilizado e armado, que os Estados Unidos e Inglaterra continuam a prover. Admita-se, por hipótese, a Turquia bandeada com o Eixo, e ver-se-á qual o sentido da acção diplomática de Von Papen em Ankara... Quanto ao ultimissimo embaixador alemão no seu regresso de Berlim reconheceu que a Turquia se mantinha neutral, não podia evidentemente senão aceitar os factos, tais como eles se lhe deparavam, e tirar deles o único proveito que lhe era possível: o bilharço campanha contra a Rússia, e aguardar a comção que uma invasão do Egipto provocaria nas orientações do governo de Ismet Inonu, o prudente general que hoje ocupa o lugar do grande Mustafa Kemal.

ESPIRITO DE ACÇÃO

A estas prescrições como se opõem os aliados? Quando o general Marshall, comandante em chefe do exército aliado, garantiu em Londres, no dia 8, a campanha do por «Hopkins» lembrou-se na capital inglesa que o general «acredita na ofensivas e declarou no mês passado que estava a aproximar-se o momento de levar a guerra junto do inimigo». O ministro da guerra inglês James Grigg manifestara oito dias antes, num discurso em Cardiff, que «favorável ao espirito de iniciativa e a instrução do soldado inglês dirige-se em grande parte para esse fim».

Desde as recentes afirmações de Mac Naughton já aqui mencionadas, até este último momento que a estribilho na Inglaterra e na América uma insistência na necessidade de uma ofensiva aliada, ou, melhor ainda, na criação duma nova frente que obrigasse Hitler a

descongestionar a ofensiva contra a Rússia. O *raid* a Saint-Nazaire excitou fundadamente a crença na possibilidade de um golpe sobre as costas francesas, contra a opinião dos que ainda hoje recordam os dias trágicos de Dunkerque. Os russos de há muito se pronunciaram por um auxílio dessa natureza, acompanhado por bombardeamentos maciços da B. A. F. sobre a Alemanha, no estilo dos que se fizeram contra Lubek e contra Colônia. Sabese também que toda a organização militar inglesa e americana é agora conduzida no sentido de preparar uma ofensiva continental. Mas quando? E no entanto é esse o grande recurso do bloco aliado.

A verdadeira revolução que tudo isto constitui na política das nações aliadas, facilmente a compreende quem recorda que ela folte há pouco de uma defensiva quase sistemática, por falta de meios, ou por deficiências de concepção. Já não é licito, portanto, colocar um ponto de interrogação ou de dúvida sobre um facto como este, tão definido e confirmado. É, porém, aventureoso pensar que tais planos e resoluções sejam imediatamente postos em prática. James Crigg absteve-se de o assegurar. O próprio general Mac Naughton, no regressar dos Estados Unidos, aconselhou paciência aos desejos da ofensiva. Crigg recusou-se a dar naquele seu discurso indícios acerca dela. Mas a ofensiva aliada deixou de ser um impossível, tão definida e confirmada, muitos cálculos, torna mais impositiva e vibrante a ansiedade mundial.

12-4-942.

MORREM OS DENTES ADOCEM AS GENGIVAS nas bocas sem



PARGIL (Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara talmente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



CHARLES OULMONT, ANTONIO FERRO, VIANA DA MOTA E PHILIPPE NEWMAN, após a última sessão musical efectuada no Circulo Eça de Queiroz.



O SR. CARDIAL PATRIARCA e outras altas personalidades da igreja portuguesa, com os sr. António Ferro e A. Eça de Queiroz na inauguração da Exposição Mariana no estúdio do S. P. N.



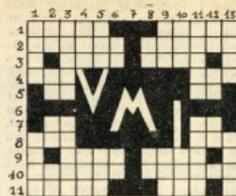
UM ASPECTO DO BANQUETE DE CONTRAFRATERNIZAÇÃO do pessoal da Companhia de Seguros «A Mundial».



NA CASA DAS BEIRAS, os empregados de «A Mundial» e suas famílias ouvem o serão recreativo organizado pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 20



Armando Trindade
Lisboa

HORIZONTAIS — 1 — Dos polvos; Fecula em pó extraída das vegetais. 2 — Unha encravada; Torna claro. 3 — Que está no meio; Tecido de malha para cobrir o pé e parte da perna (inv.). 4 — Alar; Planeta satélite da Terra (inv.). 5 — Aspecto; Contrace. de prep. com Arig. (inv.). 7 — Nota musical (inv.); Utensílio de ferro, chato, com rebordos laterais e um cabo. 8 — Quadrípede ruminante; Norma (inv.). 9 — Lavour; Superfície plana, delimitada. 10 — Cateiro das fossas nasas; Saia de malha. 11 — Leque com que os acólitos enxovavam as moças da cabeça e da cara dos celebrantes; Instrumento de padejar (pl.).

VERTICAIS — 1 — Colocar; Abertura que recebe alimentos. 2 — Contrace. de prep. com Arig. (inv.); Batráquio; Contrace. de prep. com arig.; O lado do vento (inv.). 3 — Aperfeiçoar; Reduzir a flos. 4 — Eixo; Gracijas. 5 — Embocadura de um rio; Protecção. 6 — Único; Batráquio. 8 — Neste lugar; Outra coisa. 9 — Naquele lugar; Colocar (inv.). 10 — Origen; Época. 11 — Igual; Dais pios. 12 — Estrange; Simples (inv.); Dias vagos. 13 — Animal [roze] (inv.); Claro da lua.

Solução do problema n.º 19

HORIZONTAIS — 1 — Cucar; Tarig. 2 — Unha; Bote. 3 — Bú; Cór; Lar. 4 — Ir; Nadar; Na. 5 — Tá; Ao. 6 — Hema; Psi. 7 — Má; Ol. 8 — Am; Zolas; Sô. 9 — Mar; Bar; Pór. 10 — Atão; Mata. 11 — Loois; Coral.

VERTICAIS — 1 — Cúbit; Censal. 2 — Unia; Mato. 3 — Chá; Tom; Rô. 4 — Aa; Namaz; Al. 5 — Cê; Ob. 6 — Bode; Clan. 7 — Rê; Ar. 8 — Ab; Raxos; Mô. 9 — Rol; Ol; Pac. 10 — Itan; Sôta. 11 — Geral; Foral.

MEDICINAL
PASTA **COUTO**

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L. da. Porto

VIDA MUNDIAL

DOCUMENTÁRIO SEMANAL
DA IMPRENSA DE TODO
O MUNDO

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS

TODOS OS SABADOS

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos

ILFORD LIMITED
ILFORD - LONDRES

Escutai Roma

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTACOES	m.	Kc/s
8,50 Noticiário	2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15.390
	2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11.810
	2 RO 17	m. 15,21	Kc/s 18.290
	2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17.270
12,15 Comunicado de guerra	2 RO 17	m. 15,21	Kc/s 18.290
	2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17.270
	2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15.390
	2 RO 22	m. 25,40	Kc/s 11.810
16,30 Noticiário	2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17.270
	2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15.390
	2 RO 22	m. 25,40	Kc/s 11.810
	2 RO 3	m. 31,15	Kc/s 9.630
21,10 e Noticiário	2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7.220
	2 RO 6	m. 263,20	ondas medias
	2 RO 19	m. 221,19	Kc/s 15.200
	2 RO 18	m. 19,61	Kc/s 18.330
24. noticiário	2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 9.760
	2 RO 18	m. 29,04	Kc/s 9.760

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

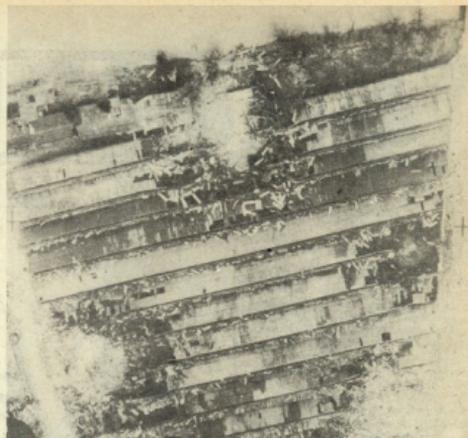
(às quartas e domingos)

21,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11.695
21,20 (aos domingos)	m. 39,25	Kc/s 9.830

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA

(às terças, quintas e sábados)

15,35	2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11.950



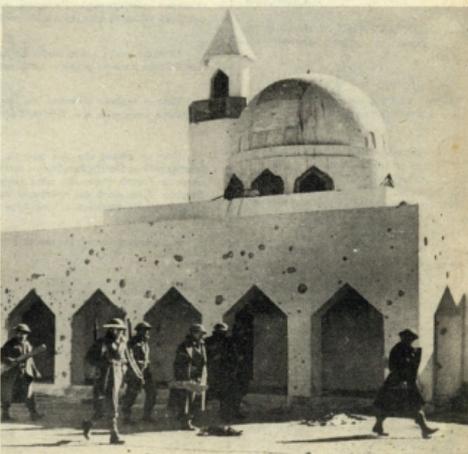
FOTOS TIRADAS POR AVIÕES DE RECONHECIMENTO mostrando os efeitos dos bombardeamentos aéreos às fábricas «Maffard», em Poissy, e «Renault», em Billancourt, na França ocupada.



OS NOVOS DIRECTORES DA B. E. C. DE LONDRES durante a guerra: Sir Cecil Graves e R. W. Foot.



DURANTE A VISITA DO GENERAL ROMMEL ao Quartel General do Fuhrer: O grande chefe de guerra com o Marechal Keesseling e um general alemão.



EFEITOS DO BOMBARDEAMENTO DUMA MESQUITA em Bardia, após a conquista da cidade pelos ingleses.

VIDA MUNDIAL DA GLORIA

SINOPSE DE ABERTURA

MARRELL, há pouco, em Buenos Aires o antigo presidente da República argentina, Marcelo Alvear. Tendo entrado na diplomacia, veio em 1900 para Lisboa como secretário da Legação do seu país e cedo se converteu numa autêntica figura do Chido. Distinto, elegante, simpático, risonho, vestindo pelo último figurino de Londres, quasi sempre de flôr no peito como um verdadeiro dandy era tão familiar da porta da Havaneza como de São Carlos. Não faltava a um chá, a uma exposição, a uma festa mundana. Era amigo de políticos e de homens de letras, de artistas e de boêmios. Um belo dia, conheceu no nosso teatro lírico Regina Pacini, excelente cantora nascida em Lisboa. A cantora e o diplomata sorriram e amaram-se. O casamento ocorreu este romance. A recita em que Regina se despediu do público, em São Carlos, constituiu um dos grandes acontecimentos da época. Durante quarenta e dois anos, nunca este casal deixou de viver numa primavera de felicidade; só agora a morte os separou. Nunca me há de esquecer certa tarde, relativamente recente, em que Marcelo Alvear me disse, conversando comigo: — Veja o que é o Destino. Minha mulher foi presidente da República; eu acabei em cantor de ópera...

CAMILLO

HOUVE, há pouco, uma polémica entre Artur Portela e Vitorino Nemésio, a propósito do autor do Amor de Perdição. Artur Portela defendia a outrance o romance de Vitorino. Nemésio atacava-o, sob certos aspectos. A respeito desta polémica afirmavamos ontem um camilianista convicto:

— O que parece impossível é que as pedras que têm atrado ao Camillo ainda não chegam para lhe fazer o monumento.

ANONCIOS

ANUNCIAVA-SE, há pouco, deste modo, a actual opereta do Coliseu:

A vida de todos nós

Quere dizer: para Ricardo Covões somos todos fiadistas...

COGUMELO

DO Diário de Notícias recortamos este mimo: «Cogumelo» — Réchi. Triste amanhã não ser amanhã. Saída: des. Terrouz.

Não será fácil negar que estamos em presença, não dum cogumelo venenoso, mas dum cogumelo sentimental.

OS CRITICOS

CERTO critico bateu-se quatro vezes em dado por assegurar, com desmedida bravura, que Dante era, literariamente, superior a Ariosto. Próximo da morte teve, porém, a sinceridade de confessar que nunca tinha lido nem um, nem outro...

MULHERES

VOCÊ prefere as mulheres louras ou as mulheres morenas? — perguntei uma vez a um D. Juan. Respondeu: — Prefiro as castanhas — se não forem piladas...

O CRONISTA FERRÃO... LOPES



Supomos que o melhor homenagem a prestar a Carlos Ferrão, cronista, ou, com mais propriedade histórica, ao cronista Carlos Ferrão Lopes, consiste em transcrever as opiniões, sem dúvida muito mais autorizadas do que a nossa, emitidas a seu respeito por alguns dos mais ilustres historiadores portugueses. Fazemos essa transcrição com o maior prazer, pedindo vênia à cãndida e já proverbial modestia do homenageado.

Lé tudo, sabe tudo, anda ao facto de tudo e, como todo o bom historiador, não errava nada — nem sequer a seu opinião.

Fernão Lopes

Traz o mundo debaixo do braço, o que prova, não que o mundo é pequeno, mas que éle, Carlos Ferrão, é muito grande...

Damião de Góis

Não se possa um dia que eu não sobreje no «Diário de Lisboa» a insubstituível nota diplomática — escrita por C. F. (Não confundir com Caminhos de Ferro). Preenche uma coluna e é, sem favor, uma das colunas do Templo. Não será de mármore ou de granito, mas é de bom cimento armado como correm ás crónicas de guerra.

Alexandre Herculano

Na crónica nacional, temos o Ferro; na crónica internacional — temos o Ferrão.

Latino Coelho

Leio todos os domingos a História da Guerra que Carlos Ferrão vem compondo para a «Vida Mundial Ilustrada». Obra de intensa cultura bem merece, para o seu autor, o Mérito Agrícola.

Rebêlo da Silva

Temos a mesma terminação. Sômos grandes na História.

António Baião

Ferrão — dizem os dicionários — é uma espécie de pequenino dardo retractil na extremidade do abdómen de alguns insectos como as vespas do vire. Pois bem. Substituíam o dardo por canção de timbre permanente, o abdómen por braço direito e insecta por cronista — e terão Carlos Ferrão.

Rocha Martins

COSTAS

UMA noite estava D. João II junto dum bulete, com a cara virada para a parede, quando passou por detrás dele, sem tirar o gorro, D. Diogo de Almeida que era então prior do Grão-D. João II viu, porém, a sombra na parede e admoestrou o fidalgo: — Imaginais que eu não vos via! Ainda não sabeis que os reis não têm avô, nem direito?

GALANTERIA FERROVIARIA

NUMA estação de caminho de ferro. O chefe preparava-se para dar o sinal de partida. Entram marido e mulher, muito apressados.

Marido — Por um triz que ia perdendo o comboio... Adeus, meu amor! não te esqueças de escrever todos os dias...

Chefe — Ande, senhor, entre. Que o comboio vai andar...

Marido — Um momento, senhor chefe. Quero beijar minha mulher.

Chefe — Entre, entre, que eu cá a beijo...

TURISMO

A propósito de certo país dita em estrangeiro que o percorreu a convite da propaganda:

— O que é obra da Natureza não vale nada; o que é obra do turismo é estupidão...

REGISTO LITERARIO

AUGUSTO da Costa, um dos premiados com o prémio Nobel da nossa Academia, acaba de publicar o seu anunciado romance Galo doido. Todas as excelentes qualidades que caracterizam o romancista das Inocentes se reflectem, com plena exuberância, neste volume — que merece ler-se. Saldadão Augusto da Costa, fazemos votos para que o seu Galo doido se converta numa autêntica canção...

— António Vitorino retinha, sob o título de Gente de Vieira, cinco novelas em cujas páginas se sente, a cada passo, a mare convulsa do mar. Oxalá que a voz magnam da literatura, António Vitorino pêsque inúmeros leitores. Isso não lhe falta.

— Festejamos sinceramente um novo humorista: Raúl da Costa com o seu Flor da Alegria. Além do mais, podemos garantir que, pelo menos, os ovos são frescos — e de gente conhecida.

SEGUNDA MÃO

HA dias uma velhota entrou na Feira da Ladra e perguntou a um ferro-velho:

— Tem sapatos em segunda mão?

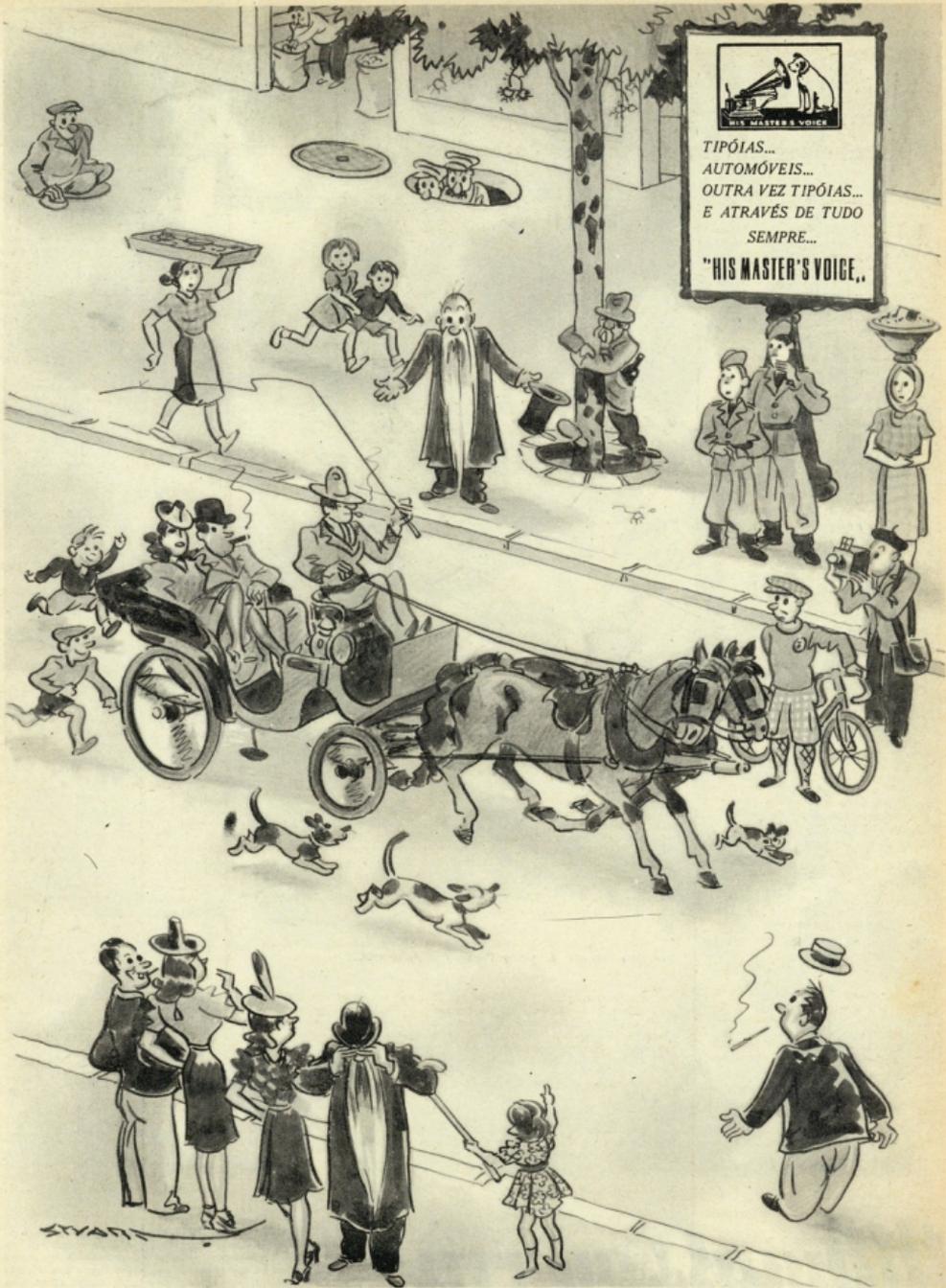
Comentário do poeta José Rodrigues que, por acaso, ouvira a pergunta: — O que ela devia ter dito era se éle tinha sapatos em segundos pés...

CASAMENTO

UM dia disseram a Gualdino Gomes que se casara na véspera um seu amigo, frequentador da Brasileira.

— É lá possível? — exclamou Gualdino. — Ainda antes de ontem o vi de excelente saúde!

Luís de Almeida



A vingança do cavalo quadrúpede sôbre o cavalo vapor — Desenho de Stuart

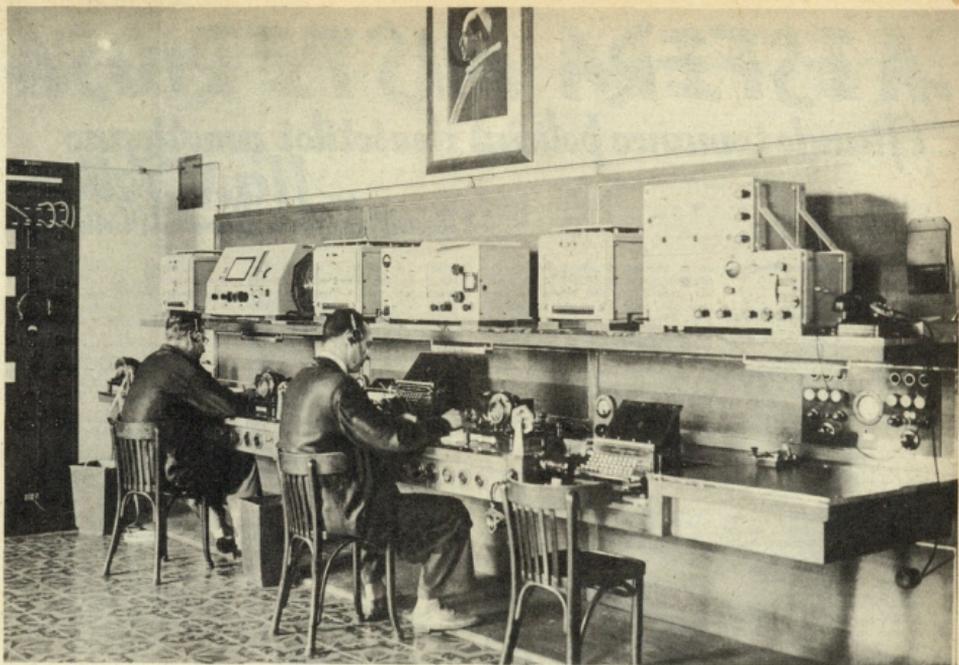


Vítima! da guerra

os feridos e os prisioneiros

VIVA
MUNDIAL
a estrada

FERIDOS E PRISIONEIOS enchem os hospitais e os campos de concentração. Colocam-se à margem da guerra milhares e milhares de homens. A foto desta página dá-nos bem a sensação de calma que o ferido recebe após a tormenta da luta no campo de batalha e da luta com a morte no leito no hospital. É a mulher a encarregada, com o seu devotado carinho, de debelar as dores dos que sofrem e de reparar, na medida do possível, os desgostos causados pela guerra.



NO VATICANO, FUNCIONA UMA REPARTIÇÃO ESPECIAL destinada ao piedoso trabalho de pôr em comunicação os prisioneiros de guerra dos vários países, com as suas respectivas famílias. As fotos mostram-nos: Em cima — O telégrafo do Vaticano que recebe e transmite diariamente centenas de telegramas. Em baixo — Na repartição especial, os arquivos com os nomes dos prisioneiros de guerra estão constantemente a ser consultados por pessoal para isso especializado.

ESFERA VIVISTA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para a *Vida Mundial Ilustrada*

(Continuação dos números anteriores)

CAPITULO XVII

O VALOR DOS PEQUENOS NADAS

JACK Herman sentia-se absolutamente desconcertado com a súbita precipitação dos acontecimentos, e sobretudo com a repentina segurança com que Charles Reed passara a privar. Dir-se-ia que o detective precisava tudo quanto ia sucedendo.

Aquella diligência a casa de Crisman Raicor deixara-o maravilhado. Jack estava longe de prever tão feliz resultado. Quando Charles Reed mandou aligeirar Crisman, acusando-o de ladrão da estera de aço, Herman quedara mudo de surpresa. Julgara até que o seu colega, e amigo íntimo atacado de loucura. Mas a resignação com que o índio se submeteu, sem esboço, a seguir um movimento de reacção contra as acusações proferidas, demonstrara eloquentemente que o policia não se enganara.

Crisman Raicor detra-se logo por vendido, como se já no seu espirito se houvesse produzido uma grande derrota, antes de Reed lhe dar ordem de prisão. Ele próprio estendera os pulsos para as algemas, murmurando, num tom de fatalismo, verdadeiramente oriental:

— Já o esperava. Tinha que ser. Era inevitável. A falta da estera de aço não poderia conduzir-me senão a desgraça. Foi-se-me toda a esperança.

Charles Reed curvia estas palavras, mas o seu pensamento parecia occupado noutro assunto. Mal o viu manietado, dirigiu-se à porta da biblioteca, que abriu bruscamente. Surgiu no limiar a figura do criado, que estava acucando do outro lado do balcão. Charles lançou-lhe a mão possessiva à gola do casaco e, com um empuxo, arremessou-o para o interior do compartimento.

— Agora, fate! — gritou o policia para Herman.

O ajudante percebeu a intenção do camarada e, num abrir e fechar de olhos, aligeirava também o homem do turbante, que lhes lançava olhares diltantes e cobardes.

Crisman Raicor detra-se cair, com grande abatimento, numa velha cadeira, que gemeu e oscilou sob o seu peso, enquanto o policia, aproximando-se mais da secretária, sobre a qual havia grande confusão de papéis, pegava, com a maior naturalidade, numa folha de carta garantida de letras a verde e a metta no bôdo.

Jack Herman mal teve tempo de ver o gesto do companheiro. O índio é que levantou para o detective um olhar mais alarmado, mas não se atreveu a fazer comentários. Foi Charles Reed quem lhe dirigiu a palavra.

— O senhor — disse elle — já não tem a menor vantagem em me occultar promessas, nem em desvirtuar o sentido de alguma das suas acções. Sei que o cego a minha grande paixão por Judy.

— Assim é, realmente. — murmurou Raicor, ficando o queixo no peito e bicando o vilão.

— Essa paixão levou-o a inventar factos que nunca se produziram — proseguiu o policia. — O senhor nun-

ca se queixou a policia de que lhe tivessem roubado jóias e assassinado um criado. Isso não passa de uma invenção, para tornar mais lógica peamente a sua cuita e justificar a falta pista dos cabelos que me torneceu. Telefonei para a policia e na data por si indicada nem houve roubos de jóias nem assassinio de criado. Mas a madeixa de cabelos que me apresentou não foi arrancada por uma pessoa no desespero da agonia, mas cortada e lavada tranquilamente.

— Não percebo onde quer chegar, mister. Reed. — pronunciou sombriamente o índio.

— Vai perceber tudo dentro de breves instantes — redarguiu o detective, com certa ironia. — Ordene ao seu criado que me indique immediatamente o local onde me indique sequestrara. Crisman Raicor lançou um olhar ao homem do turbante que, muito pédois, se moveu em direcção à porta.

O homem do turbante, que ia algemado, pediu ao policia que a abrisse. Charles encanorou-a e um forte cheiro a bolto feriu-lhe a phisidria. Achavam-se numa vasta sala muito escura, completamente desprovida de móveis. O criado atravessou-a em diagonal. Ao chegar ao canto oposto, recomendou:

— Cuidado, uma escada.

O policia mal teve tempo de notar que se abriu um alçapão quasi a seus pés. Sacou da sua lanterna eléctrica e um jacto de luz branca illumou uns estreitos degraus muito íngremes, que se estava submetida a pobre Dorothy. Reed pensou revoltado na tortura a que estava submetida a pobre Dorothy. Os bandidos tinham-na sepultado em vida.

O lance de escada era bastante longo. E a medida que iam descendo, o ar frio e húmido era mais frio e mais húmido.

a fazer girar a enorme chave, que estava presa e acrobática em aumento a impaciência de Charles e de Dorothy, que gritava do outro lado.

— Salva-me!... Salva-me deste castivo!

Elle reconheceu-lhe a voz. E o coração encerra-se-lhe de esperança.

A porta cedeu, enfim, e o detective mal teve tempo de abrir os braços para amparar um corpo de mulher que corria quasi nimmado.

A pobre arquiava. A voz embargada pela commoção, alagava-se lhe na garganta. O policia lançou então um olhar para o interior lóbrego da enxada, onde apenas havia um monte de zacha que servia de lastro a desgraçada.

O criado indú estava visivelmente embarcado e tentava dissimular-se na sombra. Charles, notando-o, disse-lhe com os dentes cerrados pela cólera:

— Mercias que te encerrases ali, com o teu patão, para toda a vida! Resolvemente, tomou Dorothy nos braços e encaminhou-se para a escada íngreme, que subiu a custo.

Alguns minutos depois, Charles Reed reaparecia na biblioteca, amparado Dorothy que mal podia mover-se. O homem do turbante encontrava-se tão comprometido como seu amo, que, a vista da jóvem, não sabia que attitude tomar.

— Jack — ordenou o detective — telefonou para a Policia, para que venham buscar estas duas prendas, a minha responsabilidade.

O rapaz correu para o aparelho telefonico, que se via no lado oposto do aposento, enquanto Charles acomodava carinhosamente a pobre rapariga numa vasta cadeira.

Dorothy começava a reanimar. Ainda lhe parecia um sonho que se passava a sua volta. Metida no subterrâneo há vários dias, parecia estranhar a luz do sol que entrava pelas janelas da biblioteca.

— Crisman Raicor — pronunciou o policia de má estatura — você roubou a estera de aço ac: marajah. E' ou não verdade?

— É — murmurou o índio.

— Você vendeu a Georges Marly a fórmula de aço, mas incompleta, não é verdade?

— É — confirmou Raicor. E acrescentou com um lampejo de luz no olhar:

— Mas elle causou-me muito mal. Sei que isso faz de Judy sua amante.

— E onde está Judy? — bradou Dorothy. — Assim como me sequestrava a mim, provavelmente fizeste o mesmo a minha pobre irmã!

— Não fui eu quem raptou Judy. Desconheço de King, desconho de Marly. Eu queria tornar a ver Judy. Por causa della me pediri, mas perdoo-lhe tudo. Desde que elle estivesse disposto a cumprir a jura, que pouco depois atropalou! Ella jurara que se acompanharia sempre, que se eu minha. Eu amava-a perdidamente. Sem ella, a minha vida não tinha significado.

— E ella jurou-lhe que o acompanharia? — inquiriu o policia.

— Sim. — murmurou o índio, num grande abatimento. — Em troca dessa jura, eu dei-lhe a estera de aço; o talismã da felicidade. Como vivera nos meus servidores, sempre, com insensivelmente feliz. Logo que lhe dei a estera, surgiu o negocio de



A voz embargada pela commoção, alagava-se lhe na garganta

— Esperas um momento aqui, com Raicor — disse Reed para o ajudante.

— O ultimo acto da comédia está prestes a desenrolar-se.

E a policia foi seguindo o criado. Tornaram a descer a escada por onde momentos antes haviam subido. Em baixo, em vez de se dirigirem para o lado da secretária, tornaram pelo corredor sombrio em sentido oposto.

Charles Reed oultaiva sob uma aparente serenidade uma grande impaciência e commoção. Pensava quanto não teria sentido a pobre Dorothy durante aquelles dias de clausura, talvez amparada ainda à débil esperança de que elle a iria salvar. Ah! Se se oultaivesse adivinhar que elle já se encontrava tão próximo!

Ao fim do corredor havia uma porta.

Chegaram por fim a um recinto vasto de terra solta. O criado dirigiu-se para um dos lados dos alçapões da casa. Com o fôco de luz, o policia descobriu uma grossa porta de madeira, chapada de ferro. Numa grande fechadura via-se uma enorme chave. No cima do balante havia uma abertura, espécie de postigo, onde não seria possível chegar sem subir a alguma coisa. Destinava-se apenas a deixar passar o ar.

Reed perguntou sêcamente, apontando a porta:

— Está ali?

O policia não chegou a ouvir a resposta, porque, nesse momento, souo um grito abafado, horrivel, que não se sabia se era de alegria se de angustia.

Reed correu para a porta e começou

Marily Representava uma fortuna. Eu, de contê-lo estava de boá-fé, no negócio. Tencionava ir-lhe viver com Judy para Inglaterra, onde nos casaríamos. Não contava, porém, com a levandade dela. Percebi que ela andava metida com o sr. Crisnam, Mestres, desapparendo, aliést a fórmula. Por isso, elle nunca lhe deu resultados práticos. A verdadeira fórmula está ainda em meu poder.

—Foc praticou uma burla! — exclamou Jack, que já occupava de elle.

—E com o queiqto apontou um contador italiano, que se vive não muito longe da secretaria.

Jack Harman correu alvoroçado para o móvel e abriu-o sem difficuldade. Eivamente, num das gavetas encontrámos um cofre, cheio de cálculos algébricos, que para elle eram menos comprehensíveis do que eramos chineses.

—Foc nunca me sábeu a que máo se applica esta fórmula? — Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

—Desconhcia, mas não o sabia ao certo — respondeu Raicor. — As minhas suspeitas realçam sêbre duas pessoas: King e Marly. Máo está último é que máo se applica esta fórmula.

correr a uma das janelas da biblioteca.

— Vai tu abri-a — ordenou Charles. O rapaz dirigiu-se apressadamente para fora do aposento.

— Crisnam Raicor pronunciou em voz alta, e applicando a fórmula.

— Espero que «mister» Read tomara em conta quanto em mim influia a minha posição por Judy Gordon. Se ella não se tem atravessado na minha vida eu seria hoje o mais feliz dos mortaes. — A custo da intelligencia do marajah — acrescentou o «detective» com ironia.

Neste momento, irromperam na sala, acompanhados de Jack Harman, e de outros robustos. Um d'elles, o mais forte e idoso, approximou-se de Charles, cumprimentando-o.

— Temos q'ue? — inquiriu elle, sorrindo.

— São esses duas avés raras, «mister» Smith — respondeu Read, apontando os dois indús. — Pode levá-las para a gaiola. Eu depois lá irei explicar o caso miladamente.

— Há prova? — perguntou cauteisamente o marajah.

— De acohejo — retorquiu Charles. — E há confissão também.

— Vamos! — ordenou, rapidamente, Smith.

Os dois preses moveram-se como dois autómatos, Charles, Dorothy e Jack seguiram-no.

— Conviém mandar selar a vivenda — recommendou ainda Charles a Smith, e seguiu-se ao «kazi» que havia de conduzi-lo ao caso de Dorothy e a «mistress» Gordon estadia a essa hora chorando a sorte da filha queixosa.

Durante o caminho, que era longo, Jack Harman, para quem tudo aquilo fóra um surpresas, não pôde resistir, sem perguntar:

— Ainda está a matutar, como tu, no momento em que tudo indicava que John King raptrara «miss» Dorothy, dependente que ella estava prisioneira do indú, como adivinhaste tu isso?

— Muito simples... — retorquiu o «detective». — O indú tornou-me eu suspeito quando ontem pergunteli para a Peleada. Não me dá a resposta, mas eu soube e assassinao na sua casa, na data indicada por elle. Não tinham conhecimento dos factos, não houvera qualquer queixa, nem intervenção policial, isto, aliado ás declarações de Marly sêbre a bola de fogo, fizeram bairar Crisnam totalmente no meu conceito.

— Mas como adivinhaste que fóra elle e não King o raptr de «miss» Dorothy? — insistiu Jack Harman.

— Charles Read sorriu e respondeu:

— Por um permôtor que me illuminao súbitamente a memoria. Recordas-te de eu ter examinado rapidamente a moedixa dos cabellos?

— Recordo.

— Foi que me lembrei de súbito que os cabellos, muito alinhados e juntos, denunciavam ter sido cortados á tesoura e não arrancados numa luta de vida e de morte. Depois, reconheci a natureza de sustancia, e reconheci esqueceu-se de occultar a cara amezquada de King, que Dorothy conservava e da qual elle se apossara. Reconheci a letra do milionario. Era a denunciao de que Dorothy estava realmente nas mãos de Read.

— E de Dorothy? — perguntou Jack Harman.

— Jack Harman ficou silencioso, por um momento. Na verdade, o amigo revelara verdadeira tacto policial. E no aproveitamento de pequenas portemencias, que, ás vezes, está a chave dos grandes enigmas.

— Há ainda um mistério a desvendarem — pronunciou Harman, como se continuasse de alto os seus pensamentos. — Temos que descobrir o paradeiro de Judy.

— Sem desvendarem esse mistério — disse Read — nunca chegaremos a conhecer a verdadeira posição de King no meio desta embrolhada.

(Continua)

RESULTADOS DO CONCURSO DE «A ESFERA MISTERIOSA»

Constituiu um notável êxito, digno de assinalar-se, o concurso que abrimos entre a nossa leitura, sobre o folhetim policial de Max Félon, «A esfera misteriosa», que foi publicado em 12 fascículos, e que teve a honra de ter as respostas recebidas em todos os pontos do País.

— Quem nos seus respectivos resultados que deviamos ter inserido no último numero — e que não nos foi possível fazer por absoluta falta de espaço.

A CLASSIFICAÇÃO

Um único concorrente acertou com as respostas ás três perguntas que formulámos, fazendo-o de forma precisa, correcta e sem dar lugar a dúvidas.

Esse concorrente foi o sr. José Severino da Silva, cêdo da mar na Costa da Caparica. As suas respostas — exactamente as respostas-tipo que se conformam com o decisorio do folhetim e a sua coincidência — são as seguintes:

- 1.ª — Quem roubou a esfera foi Crisnam Raicor.
- 2.ª — A esfera está em casa de John King.
- 3.ª — A esfera está na conta.

Com respostas certas a duas das perguntas, houve numerosos concorrentes. Muitas vezes, as respostas são dadas por palavras diferentes das respostas-tipo, mas o seu significado é o mesmo e, por isso, foram aprovadas. Essas concorrentes são as seguintes:

Luiz Coelho dos Santos Ventura (Nossa Senhora de Machedê - Estação); Daniel Correia da Silva Rocha (Coimbra); José Gonçalves da Cruz (Praia do Farol - Barra de Aveiro); José Gonçalves (Castelo Branco); José Rodrigues da Silva Barbosa (Caparica - Barrotaes); Iolanda Garrone de Barroses (Monte Estoril); Carlos Rodrigues da Silva Barbosa (Barrotaes); Anjo Alcaide (Lisboa); José da Ponte Santos (Lisboa); Guilherme José Marques Mendes (Bragança); Alberto da Silva Carvalho (Març); Carlos Condeiro (Lisboa); José Arnaldo F. Pereira (Marialva - Meda); e Maria Leopoldina Pereira (Alfindade da Fé).

Acertaram apenas, de maneira precisa, com a resposta a uma das perguntas as seguintes concorrentes:

Leopoldo Vicente Martins (Alcúmito); Zeferino Robalo (Castelo Branco); Rui Alberto de Almeida e Melo (Lisboa); Joaquim Nunes Parruchil (Coimbra); Silvino Saralinda (Març); Diamantino Ferreira (Lisboa); Antonio Simões Miguel (Lisboa); Mário Augusto Artiga (Santo Estêvão - Viseu); Azeiro Nuno de Rocha e Costa (Coimbra); João Godiva (Nimão - Alto Douro); Maria Amália Lobato (Arcos de Valdevez); Armando José da Rocha e Costa (Lisboa); Maria Isabel de Barroses (Estoril); Octávio Maria Pereira Nuno (Barrotaes); Manuel Joaquim Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros); Manuel Maria da Silva (Lisboa); Diogo João de Sousa Pereira (Vila Nova de Gaia); Duonel Mendes (Cobalva de Gama); Maria de Lourdes Freitas Boavista (Angra do Heroísmo - Açores); Artur Porfial Tavares da Costa (Lisboa); Mariana Marques (Lisboa); Francisco Gonçalves (Lisboa); Francisco Ruela (Coimbra); Francisco Alberto Junior (Coimbra); Dilia de Assunção Nunes Martins de Oliveira (Pombal); J. Nascimento Meana (Lisboa); Vilelmin Gabriel (Alcúmito - Concelho do Alentejo); José Diogo Barão (Almancor - Algarve); Desdémão Duarte (Figueira da Foz); Manuel Pereira da Silva (Vouzela); Joaquim A. Guilherme (Pando); Luiz de Carvalho Benedito (Caldas da Rainha); José Júlio Barreiros (Figueira da Foz); e Vergílio Antonio Rosa (Alcúmito).

Os concorrentes não mencionados aqui não acertaram com a resposta a qualquer das três perguntas e foram, por isso, excluidos.

UM COMENTÁRIO

Cabe aqui um breve comentário à maneira como alguns concorrentes encararam os problemas suscitados pelas nossas três perguntas. Houve quem desse respostas ambíguas ou máis que uma resposta a mesma pergunta. Essas foram excluidas, pois revelaram hesitações ou pretendiam, como certos jogadores, apontar a vários números, esperando com que a sorte lhes fosse propicia.

Por exemplo, a pergunta «Quem roubou a esfera misteriosa?», alguns concorrentes apontaram Raicor e Judy Gordon e até mais algumas personagens que não mereciam ser mencionadas. Só se admite uma resposta precisa, porque só houve um vencedor. Outros, porém, «morbosam» o resto das divagações, como os próprios leitores poderão verificar pela desvalor do enredo.

A pergunta última está a esfera? houve muitas respostas disparatadas, e outras que pretendiam ludibriar, indicando que estava na posse de umss Mad King ou do próprio milionario. A resposta sensata e lógica seria a que indicasse apenas o lugar onde a esfera se encontrava.

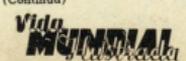
Quanto ao que continha a esfera, não faltaram respostas híbridas, revelando insegurança de critério de muitos concorrentes, tais como: contém a sugestão de falatório; contém a resposta — «morbosam»; ou que se havia uma resposta cabel e clara; não contém coisa alguma; ou simplesmente: nada.

O critério que adoptamos para a classificação dos concorrentes, foi, portanto, o único visual. Só seleccionámos as respostas claras e directas ás perguntas que fizemos. Excluímos os hesitantes ou os que para uma só pergunta nos enviaram mais de uma resposta.

AVISO

Para se tratar da atribuição dos premios, pedimos aos concorrentes cujos nomes inserimos acima a favor do comparecerem na nossa redacção, no próximo sábado, dia 18, ás 16 horas.

A SR. D. JULIETA FERRO pronunciando, no grupo «Amigos de Lisboa», a sua conferência evocativa intitulada «Lisboa, 1870...».





-A INDIA EMPREGARÁ TODOS OS SEUS ESFORÇOS NA RESISTÊNCIA AO INVASOR.— afirmou o chefe Nehru, após as negociações de Cripps. E os indus prepararam-se para a defesa, cooperando no esforço de guerra. A foto mostra-nos um operário numa fábrica de material bélico trabalhando para a Grã-Bretanha.